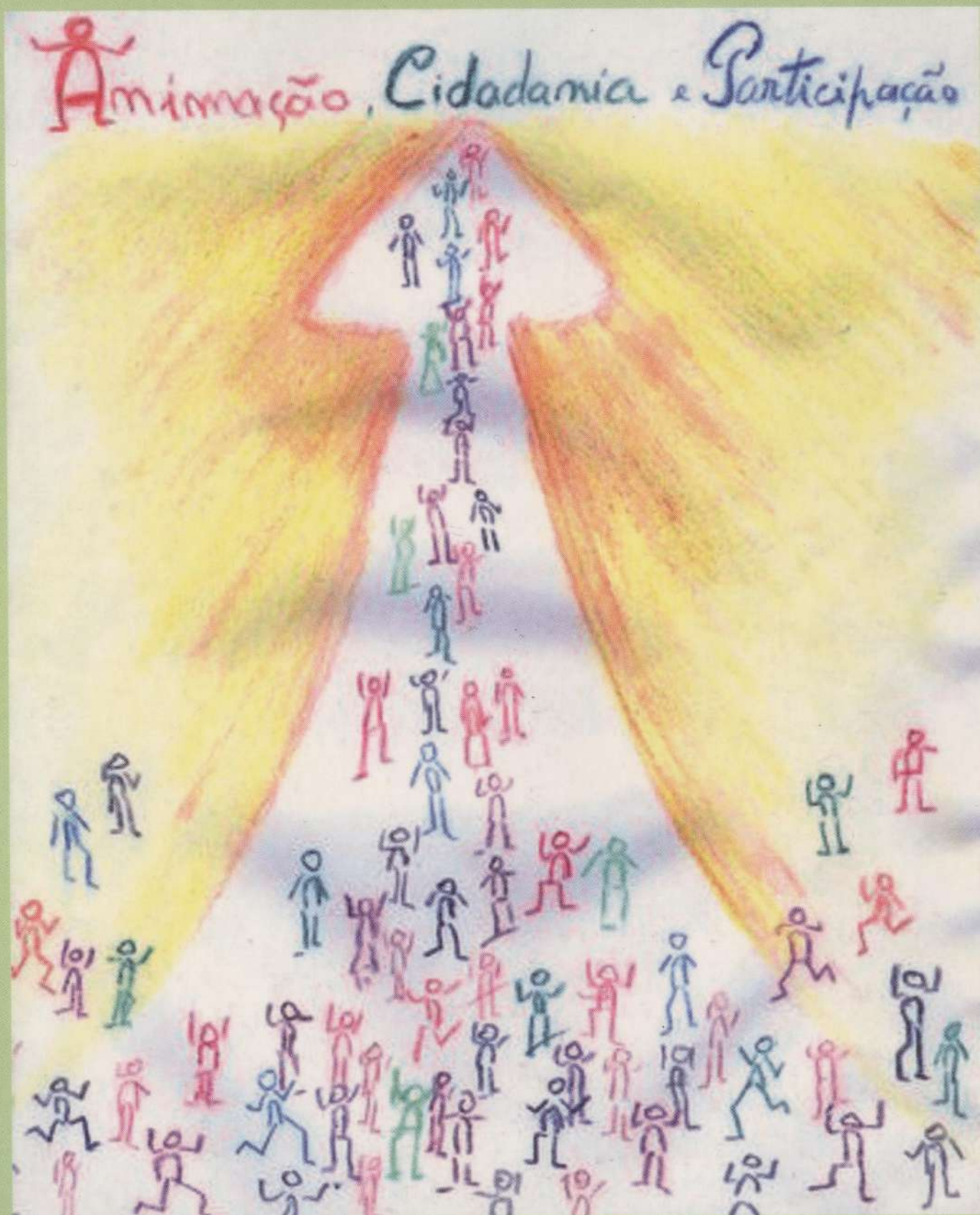


AMÉRICO NUNES PERES
MARCELINO DE SOUSA LOPES
(Coordenadores)



APAP

Índice

INTRODUÇÃO	9
1. ORIGEM DA ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL EM PORTUGAL.....	13
1.1. Os Novos Desafios da Política Cultural.....	14
António Gomes Marques	
1.2. A Animação Serve as Ideologias: ou ela própria é já uma ideologia?	22
Avelino Bento	
2. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E PARTICIPAÇÃO.....	33
2.1. Animação e Desenvolvimento Rural: reflexão a partir do território do Douro-Duero.....	34
Artur Cristóvão	
Raquel Miranda	
2.2. Animação Sociocultural e Participação: o exemplo do Projecto OUSAM.....	48
Fernando Ilídio Ferreira	
2.3. Imigração e Participação, novas Provocações para a Animação Sociocultural.....	60
Germán Vargas Callejas	
2.4. Políticas culturais e políticas educativas: a sua necessária interdependência na cidade.....	71
Héctor M. Pose	
2.5. A Animação entre a Marcha e a Democracia	82
Jean-Claude Gillet	
3. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL E TEMPO LIVRE.....	95
3.1. Perfil dos monitores de acampamentos de grupos juvenis e infantis de Salamanca.....	96
Alfonso de Maruri Álvarez	
3.2. Tempo Livre, Tempo de <i>Anima</i>	118
Fátima Barbosa	
3.3. Ócio e Animação: novos tempos	126
Manuel Cuenca Cabeza	
3.4. O Lazer e os Adolescentes: dinamizar o envolvimento, promover o crescimento, perspectivar o desenvolvimento.....	140
Teresa Freire	

3.5. Educação, Animação, Ócio e Tempo Livre (ou a escura noite onde todos os gatos são pardos).....	149
Victor Ventosa Pérez	
4. ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL, EDUCAÇÃO, GLOBALIZAÇÃO E CIDADANIA	155
4.1. A Cidade Educadora, como forma de fortalecimento da democracia e de uma cidadania activa e convencial.....	156
Ezequiel Ander-Egg	
4.2. A Animação Sociocultural e o Acolhimento Familiar: uma relação por construir	194
João Paulo Delgado	
4.3. Animação Sociocultural, Globalização e Cidadania: a respeito da necessidade de uma nova pedagogia das culturas.....	205
Jose Antonio Caride Gómez	
4.4. A Animação Teatral	217
Xavier Úcar Martínez	
5. ÂMBITOS PROFISSIONAIS DE ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL.....	229
5.1. A Intervenção em Cultura. Princípios que devem sustentar as políticas públicas.....	230
Carles Monclús	
5.2. Para uma Pedagogia de Proximidade Humana: a educação no coração das comunidades.....	243
Isabel Baptista	
5.3. O Congresso Internacional de Animação Teatral de Viana do Castelo.....	249
Manuel Vieites	
5.4. A Animação Sociocultural, os Processos Comunitários e a Integração Social.....	261
Marco Marchioni	
5.5. A Velha Toupeira: a propósito de planos e processos comunitários	264
Marco Marchioni	
Antonio Torrico	
5.6. Lazer, Cidade e Animação Cultural: uma visão a partir do contexto brasileiro.....	274
Victor Andrade de Melo	
5.7. Turismo em Espaço Rural e Animação: a percepção dos alunos de RLT	286
Xerardo Pereiro Pérez	

6. RELATO DE EXPERIÊNCIAS DE ANIMAÇÃO SOCIOCULTURAL EM PORTUGAL	295
6.1. Animação de Populações Desfavorecidas, na Associação Integrar.....	296
Catarina Gralheiro	
6.2. Animador – uma experiência de 30 anos	299
Dantas Lima	
6.3. Espaço T – Novo Conceito	303
Jorge Oliveira	
6.4. Entre Lugares.....	310
Marijke/Maria Helena de Koning	
6.5. A Esdime e a Promoção da Iniciativa Juvenil em Meio Rural – O projecto Todos ao Largo!	321
Natália Tost	
6.6. A Aventura de Viver a Diferença... Os intercâmbios sócio-artísticos como contextos potenciais de criação de novas formas de coexistência multi/intercultural	327
Victor Gonçalves	
7. AUTORES.....	337
Alfonso Maruri Álvarez.....	338
Américo Nunes Peres	338
António Gomes Marques.....	338
Artur Fernando Arêde Correia Cristóvão.....	339
Avelino Bento	339
Carles Monclús.....	340
Catarina Sofia Morais Gralheiro.....	340
Ezequiel Ander-Egg	340
Fátima Maria Bezerra Barbosa	340
Fernando Ilídio Ferreira	341
Germán Vargas Callejas	341
Héctor M. Pose Porto.....	341
Isabel Baptista	342
Jean-Claude Gillet	342
João Paulo Ferreira Delgado.....	343

Jorge Manuel Marques de Oliveira	343
Jose Antonio Caride Gómez	343
José Dantas Lima Pereira	344
Manuel Cuenca Cabeza.....	344
Manuel F. Vieites	344
Marcelino de Sousa Lopes.....	344
Marco Marchioni.....	345
Natália Tost	345
Teresa Margarida Moreira Freire	345
Victor Andrade de Melo.....	346
Victor J. Ventosa Pérez	346
Vítor Alexandre da Cunha Gonçalves	346
Xavier Úcar Martínez	347
Xerardo Pereiro Pérez.....	347

6.4. Entre Lugares

Marijke/Maria Helena de Koning
ESE do Porto

“O que importa para o sujeito nómada é o ir, a possibilidade de arrumar e partir. O destino é relativamente pouco importante. É a viagem que conta, e a viagem tem a ver com o contar de histórias e o visitar de lugares onde já se esteve”

(Braidotti 2004: 61).

Nós

O campo da Animação Sociocultural é preferencialmente um espaço povoado por sujeitos *nómadas*. Seres narrativos que gostam de contar como vão «navegando», enquanto se lembram que as melhores viagens podem ser feitas sem abandonar fisicamente a casa. No espaço deste curto texto, proponho que me acompanhem numa destas minhas viagens, feita com palavras, algumas extraídas de outros textos escritos por mim, com o objectivo de ligar o presente ao passado e ao futuro. Trata-se de um texto mais pessoal do que teórico, em que quero dar conta como a mudança é um processo muito subtil e lento. Um texto que fala de alguns efeitos sobre mim própria, como resultado da minha participação em contextos de animação sociocultural. Baseia-se na convicção de que a animação sociocultural necessita de um projecto político que tem como objectivo principal fazer emergir vozes de culturas não dominantes, nomeadamente a de mulheres.

Um dos mais importantes pais filosóficos que inspira as minhas viagens, tem sido Paulo Freire. O seu contributo é incontornável na praxis de animação sociocultural. Com o desenrolar da história, podemos perguntar-nos se é possível continuar a «crer» na praxis humana transformadora, ideia tão central no pensamento de Freire. A inovação epistemológica que trouxe, consiste na convicção de que “para saber, para conhecer, para agir e intervir, é preciso perguntar – é que a pergunta já leva consigo a apetência, se não a intuição da resposta” (Pintasilgo 1998: 10). Sim, é preciso e urgente, continuar a «crer» na praxis humana transformadora. Mas é necessário perguntar como fazer tal empresa? Como podemos aprender a desejar mudar a vida, o mundo?

Eu

Conheci Paulo Freire por intermédio de Maria de Lourdes Pintasilgo, “Engenheira de Utopias” como a define Fernando Dacosta na Visão de 15 de Julho 2004. Pouco antes de Paulo Freire ir à Holanda em 1970, escrevia-me ela enquanto sublinhava a importância da sua filosofia e metodologia de conscientização para as sociedades de bem-estar material: “Da mesma forma que não podemos deixar os «pobres» abandonados à sua sorte, também não podemos abandonar os «ricos» no seu conforto”.

A minha primeira «lição» sobre a conscientização foi dada pelo próprio Paulo Freire. Foi em Setembro de 1970 na *Vrije Universiteit* de Amsterdão, num colóquio intitulado o *Método Paulo Freire*. Foi um mês depois de ter tido contacto com o «trabalho de conscientização» em Portugal. Ouvi-o falar no “ser humano como sujeito; o seu mundo como tema”. Contribuiu para eu desejar mudar de rumo, de partir, de aprender a conhecer outro mundo. O meu destino, relativamente pouco importante (?), foi inicialmente o Brasil. Mas acabou por ser em Portugal que fui seguindo uma rota nómada, refazendo percursos, aprendendo também através de múltiplas repetições. Aprendi a construir uma identidade nómada, identidade sempre em construção?

“A identidade nómada pode ser vista como um mapa de lugares por onde o sujeito já passou. O sujeito nómada é capaz de reconstituir esse mapa, como uma sequência de passos numa descrição da rota. (...) O sujeito nómada (...) é um projecto que tem como objectivo deixar cair a aspiração pelas origens, todo o desejo de não mudança”

(Braidotti, 2004: 69).

Aprendi a deixar cair a aspiração pelas origens, o desejo de não mudança? Inspirada por Deleuze, Rosi Braidotti define o sujeito nómada como uma “forma de pensar” em que se trata de “uma consciência crítica que recusa a nidação em padrões dominantes de pensar e agir”:

“O que caracteriza o estado nómada é a fuga a convenções existentes, não o acto literal de viajar. Na subjectividade nómada não se trata do ‘ser’, mas do ‘devir’”

(Braidotti, 2004:72).

Conscientização no Graal

“A conscientização coloca à pessoa desafios (primários, elementares ou complexos) resultantes da tentativa de objectivar a situação em que se encontra. Mas através desse simples

mecanismo de tomada da palavra face ao desafio que ele evoca, cresce a consciência de sujeito. Por isso, a tomada da palavra é importante etapa do processo democrático na sociedade, do exercício e da aprendizagem da cidadania.

(Pintasilgo,1998:12).

Que desafios houve para que eu pudesse «tomar a palavra», sair do meu ser não conscientizado num desejo de *dever*? De onde parti? Por que lugares passei?

Há um primeiro tempo, o tempo da partida inicial. Situa-se nos anos 1969 - 1970. Foi um tempo de aprendiz-nómada, o tempo de aprender a estar de passagem entre lugares. A partir de 1976, participei predominantemente em contextos de educação não-formal e de animação sociocultural organizados pelo *Graal*¹, como descrevi em *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes de Pintasilgo*. Neste livro analiso algumas iniciativas do *Graal* em que participei como animadora e formadora, nomeadamente nos seguintes programas, projectos e redes:

- Projectos de *animação e acção socio-cultural com mulheres em meio rural* dos distritos de Coimbra e Porto, com o apoio de organizações não governamentais alemãs e holandesas (1976 - 1983);
- Projectos de *formação de animadoras locais* e agentes de *animação infantil* em comunidades rurais, com o apoio financeiro da ONG holandesa CEBEMO (1979/1983);
- Programa piloto de *Animação Infantil em Meio Rural* com o apoio financeiro da ONG holandesa CEBEMO (1979/1983);
- Projecto *MODELO* ("Mulheres Organizam-se para o DEenvolvimento Local") - formação de jovens mulheres e apoio a iniciativas de auto-emprego em artesanato, em zonas rurais, também com o apoio da CEBEMO (1985/1990);
- Rede *Mulheres Anos 2000* - sensibilização/formação de mulheres profissionais -, no âmbito do Programa Operacional n.º 8 do IEFP (1991/1993);
- Projecto *Interação de Mulheres Formadoras* - acção transnacional de intercâmbio -, no âmbito da Iniciativa "NOW" (1992/1994);
- Programa-piloto *Mulheres na Tomada de Decisão*, co-financiado pelo CCE DG V. (1994-1995);
- Rede *Lien*, rede europeia de mulheres, jovens profissionais, co-financiada pela CIDM (1989 - 2002);

¹ O *Graal* é uma organização não governamental, uma rede transnacional de mulheres. Foi fundado em Portugal em 1957 por Maria de Lourdes Pintasilgo e Teresa Santa Clara Gomes.

- Projecto *Para uma Sociedade Activa* (1996 – 2000).

Nestas iniciativas houve, como há em todo o trabalho de conscientização, um sentido forte de «nós», de uma comunidade, de um conjunto de pessoas que partilha um património cultural. Nos programas referidos é possível identificar a evolução do conceito *comunidade*, conceito central no âmbito da animação sociocultural, consistindo comunidade num «nós» situado num contexto, num «lugar». Por um lado, há uma evolução na concepção da ideia «nós mulheres», em que para além da diferença entre mulheres e homens, as diferenças entre mulheres e as diferenças dentro de cada sujeito-mulher se tornaram igualmente importantes. Por outro lado, o conceito comunidade evoluiu do tipo «comunidade territorial» para o tipo «comunidade de interesses», sendo esta última constituída por “indivíduos que se associam na acção, visando objectivos e interesses comuns” (Viegas Fernandes, 1998: 124).

A identidade revela-se numa comunidade de vozes

O valor da teoria reside essencialmente na possibilidade da sua relação dialéctica com a prática, com vista ao respectivo aprofundamento, para uma melhor adequação às situações nos seus contextos. A metodologia da conscientização privilegia o processo de aprendizagem a partir da experiência, permitindo um processo de reflexão crítica sobre a realidade e o *empowerment* dos sujeitos participantes. São as seguintes as fases deste processo:

- registo e problematização de experiências,
- teorização;
- formulação de novas pistas de intervenção.

São os sujeitos que se narram, que contam a sua *história*, que formulam intenções e objectivos, que partilham convicções, que tentam agir de forma ética e que partem do princípio que cada participante numa conversa é um «eu» que interpreta e conta *histórias*, porque:

“A identidade do eu revela-se apenas numa comunidade que interage: quem somos, depende de como nos revelamos (...) aos outros e a nós próprios”.

(Benhabib, citado em Schulten, 1997: 113).

Tentar revelar algo da identidade do meu «eu», levou-me, a certa altura do percurso da investigação no âmbito da publicação acima referida, a introduzir alguns contornos «autobiográficos», através de uma inventariação das minhas próprias aprendizagens no contexto do *GRAAL*, relatando algumas experiências vividas. Trata-se de textos, onde o «eu-sujeito» se transformou parcialmente em objecto ao enquadrar o texto da sua *história* de aprendizagem e formação, na *história* de uma instituição. A

passagem que se segue revela algo do contexto com os seus condicionalismos e brechas de onde foi possível o «eu-sujeito» emergir, no tempo da partida inicial.

Parte, se fores capaz

Em 1970 participei em mais dois programas de verão em Portugal, um na Arrábida (no Conventinho, hoje usado pela Fundação Oriente) e outro em Peniche (no lugar da Nossa Senhora dos Remédios). Passei também uma tarde e um serão em Almalaguês onde funcionava um dos Estágios de Alfabetização e Animação Social segundo a Pedagogia de Paulo Freire, que o GRAAL organizou na zona de Coimbra para formar estudantes universitários de todo o país.

*Trabalhei em Setembro do mesmo verão, no Centro Internacional de Conferências do GRAAL em Vogelenzang na Holanda como voluntária no backstage group de um programa que juntava escritores/as e pensadores/as, que tinham escrito sobre as mulheres. Este programa foi organizado por Maria de Lourdes Pintasilgo e Catarina Halkes (que iniciou os Women's Studies na Universidade Católica de Nimegue (...)). Foi aí que conheci a escritora alemã Luisa Rinser de quem tinha lido em 1967 o livro *Geh fort wenn du kannst (Parte, se fores capaz)* (...).*

Luise Rinser conta no seu livro a história de uma jovem comunista alemã que parte em 1942 para Itália para se refugiar na casa da avó. A avó morrera entretanto e ela juntou-se a um grupo de resistentes. Vai parar a um convento onde é confrontada com o mundo da fé, que ela desprezava, mas da qual aprende a conhecer o valor. No início do livro encontrei a seguinte citação em Latim do versículo 7 do Salmo 124: "Laqueus contritus est et nos liberati sumus", (...) "o laço partiu-se e nós escapámos".

A que redes e laços tentei eu escapar? A temática da opressão e da libertação era uma temática central na época. Havia dois desejos que alimentavam as minhas decisões: em primeiro lugar, poder decidir o rumo da minha própria vida sem ter de seguir os padrões dominantes da sociedade holandesa de então, onde as jovens mulheres largavam o trabalho profissional para ir tomar conta da casa, do marido e dos filhos; em segundo lugar, poder trabalhar junto de «populações pobres em países subdesenvolvidos». Este segundo desejo era fruto de uma realidade sociológica que marcava a época, sobretudo em meios profissionais situados no campo da saúde. Muitas enfermeiras (...) partiam em contextos de

diversas organizações de ajuda para o desenvolvimento. A minha própria decisão, alguns anos antes, de ir tirar um curso de enfermagem (...) prende-se com este desejo. (...)

A minha luta pela libertação construía-se assim em duas frentes. Uma, pela negativa: não seguir o modelo dominante da época (casa, marido, filhos) em que via entrando a maioria das minhas amigas e ex-colegas holandesas e que diziam «ter inveja de mim por eu ter uma vida mais interessante». A outra, pela positiva, em que a negatividade era «superada» quando dizia que queria ir «trabalhar com os pobres». «Ir trabalhar com os pobres» constituía o «repertório disponível» em formato de sonho, que de acordo com as expectativas da época (...) e reforçado pelo meio onde trabalhava, informava o desejo de ir rumo a um espaço outro, um «ailleurs», um lugar outro, que permitia romper com formas de vida anunciadoras de monotonias demasiado previsíveis.

Apesar de ter querido escapar ao modelo dominante que estruturava a vida da maioria das mulheres na Holanda, não tinha nenhuma consciência feminista explícita na época. Lembro-me de ter dito durante o programa de verão em Peniche que não me sentia de maneira nenhuma oprimida como mulher. (...) Lembro-me de a minha posição ter sido fortemente contestada por algumas das outras participantes. Registei a crítica, mas não fazia (ainda) a ligação destas ideias com as minhas experiências e as de outras mulheres. Foi um registo que ficou disponível como memória activa para outros momentos mais tarde.

Em 1979 podemos ler em *Mudar a Vida*, publicação do Graal, um excerto de um texto de Maurice Bellet, intitulado “Parte, Sara”:

Ouve-me, Sara, ouve-me.

Disseram-te: tu és isto e aquilo.

E eu digo-te: tu és como és com és, Sara.

Disseram-te: as coisas são o que são. Querer que elas sejam outras é tolice e pecado, presunção, sonho infantil, revolta. E eu digo-te: transforma o mundo, Sara.

Disseram-te: faz bem o que tens a fazer, respeita a lei, ocupa o lugar que te é devido. E eu digo-te: parte, Sara.

Disseram-te: minha filha, vela pela tua saúde, procura ser normal e sã e comportar-te sempre como deve ser. E eu digo-te: muda a tua fraqueza em força e sê livre, Sara, minha irmã.

(Maurice Bellet in «*Les Survivants*»). Gallimard, 1974)

Passaram 36 anos desde o ano em que ouvi falar Paulo Freire em Amsterdão. Foram muitos os *lugares* pelos quais viajei numa perspectiva de conscientização. Hoje de onde parto, para onde vou? Quero deixar o «desafio» para me acompanharem em novas viagens.

Actualmente são três os *lugares* que fazem parte da minha rota nómada: Utrecht, Porto e Lisboa. Lugares onde vou construindo a minha vida à volta de novos projectos no campo da animação sociocultural, mas também fora e afastada deles, como igualmente no espaço indefinido entre eles, sentindo-me nómada, tanto «estrangeira» como «em casa». Enraizada, mas com as raízes mais no ar do que na terra, para poder sentir “o vento leve que passa”. Enraizada, sempre provisoriamente, ao mesmo tempo que de passagem, sempre definitivamente. Esta simultaneidade de vivências aparentemente opostas, permite conjugar a distanciação com a aproximação, provocando uma tensão constante que me anima e desafia. Uma tensão que gera uma força interior que me faz desejar continuar de «projecto em projecto», sempre «entre lugares».

Eu e Nós: possíveis novas comunidades de interesses? Desafios

“A liderança das mulheres tem de fazer face às forças da morte e da destruição que, a todos os níveis da sociedade, são o resultado da ausência de uma verdadeira liderança. Para que isso possa acontecer, é preciso realizar uma tarefa crucial: transformar cada lugar de decisão num ‘locus vitae’ – restaurar a vida, aceitar o desafio da civilização em que vivemos.

(Pintasilgo, 1986: 27).

1. Entre Lisboa e Utrecht. Será possível, através de uma educação narrativa de mulheres, contribuir para a construção de novas formas de lidar com a liderança? Esta é uma das questões centrais de um projecto de investigação-acção, projecto que se realiza «em rede» entre investigadoras de várias instituições portuguesas e «estrangeiras», no âmbito da Fundação *Cuidar o Futuro*², através de um dos seus

² A Fundação *Cuidar O Futuro* é uma instituição de solidariedade social, de direito privado e sem fins lucrativos. Foi fundada em 13 de Julho de 2001 pela Associação *Graal*. O *Graal* é um movimento transnacional de mulheres, que em 1977 se constituiu em (Portugal) como Associação de Carácter Social e Cultural. Foi reconhecido como Pessoa

programas, “Literacia Mulheres Liderança”. Durante o ano 2006 haverá vários *workshops*, entre outros um intitulado “*Entre Redes. Liderança e empowerment em contextos de mulheres*”, que se realiza na Praia Grande, Sintra nos dias 27 - 28 de Maio 2006 e que se destina a mulheres profissionais, oriundas de diferentes contextos (grupos, redes, organizações de mulheres).

2. A partir do Porto. Em Novembro de 2005 ficou impresso o Caderno de Trabalho *Rede de Mulheres 25 Anos Depois. Com Maria de Lourdes Pintasilgo*. É o produto do projecto *Rede de Mulheres 25 Anos Depois*, da iniciativa do *Graal* e co-financiado pela CIDM. Este Caderno de Trabalho pode ser utilizado em sessões de conscientização com novas gerações (de mulheres). Pode constituir um instrumento de conscientização na área da Animação Sociocultural. A *Rede de Mulheres* mobilizou na sociedade portuguesa, entre 1980 e 1986, cerca de 500 participantes. A *Rede* teve como impulsionadora principal a Engenheira Maria de Lourdes Pintasilgo e estruturou-se em 15 distritos do país, a partir de contactos com mulheres que se cruzaram com ela durante o V Governo Constitucional e integraram o núcleo dinamizador.

Escreve a Teresa Vasconcelos no prefácio:

“Lembro com vivacidade como a “rede” incomodou os poderes políticos de então, por se apresentar como uma força e organização de mulheres que não cabia nas estruturas organizativas limitadas existentes. Passados 25 anos, e re-visitando o projecto de conscientização da “rede”, constatamos como, apesar do muito que foi feito, o campo da luta das mulheres ainda é um campo pouco desenvolvido. (...)”

A edição deste Caderno de Trabalho revela-se da maior utilidade: escutando as vozes das mulheres que passaram pela Rede nos anos 80, entrelaça essas vozes com as perspectivas de uma nova geração de mulheres. Trabalha tematicamente as problemáticas levantadas pelos grupos, mantendo discursos na primeira pessoa e sendo fiel à dinâmica dos próprios “focus groups”. Utilizando de forma inequívoca as perspectivas da “feminist research”, introduz as preocupações de uma geração mais jovem de mulheres e devolve aos leitores os questionamentos das mulheres inquiridas, transformando-os habilmente em situações-desafio (...).”

Colectiva de Utilidade Pública em 1985. O surgimento da Fundação *Cuidar O Futuro* correspondeu ao cumprimento de uma ideia pensada pelas duas fundadoras do *Graal*, Teresa Santa Clara e Maria de Lourdes Pintasilgo, ideia que veio a concretizar-se em 2001 por iniciativa de Maria de Lourdes Pintasilgo.

Continuar a criar contextos de conscientização de mulheres?

Passados 36 anos sobre o início do meu percurso nómada, houve um avanço muito grande para fazer emergir a originalidade do Sujeito-Mulher, mas em termos de liderança e poder no espaço público, elas precisam de reforçar a sua estrutura narrativa para poderem sair “do universo dado”, falsamente universalista, porque ainda predominantemente estruturado pela cultura masculina. A este nível, a emancipação das mulheres, a sua inscrição na história, está longe de ser conseguida, apesar dos avanços conseguidos, como o relata uma mulher das novas gerações nas suas respostas ao questionário enviado no âmbito do projecto de investigação-acção *Rede de Mulheres 25 anos Depois*:

“Felizmente hoje há uma maior democracia ao nível da distribuição do poder - tendo em conta o género - tanto ao nível profissional como também a nível pessoal, das relações de amizade e familiares, por exemplo. Penso que dentro das famílias, então, essa diferença é por demais evidente, pois há uma maior negociação nas tomadas de decisão, que já não são, de forma tão evidente, da exclusiva responsabilidade dos homens. No entanto, não podemos esquecer que, apesar de ter havido uma evolução a este nível, as diferenças ainda existem, havendo portanto um caminho a percorrer por cada uma de nós no sentido de uma maior democracia (...)”

(Koning, 2005: 83)

É indispensável aprofundar perspectivas *gendered* no trabalho de animação sociocultural. É preciso dar mais relevo à cultura milenária de mulheres, impregnada nas suas raízes e práticas por dinâmicas do «cuidar», que podem ajudar a reequilibrar um mundo moldado predominantemente pelas dinâmicas enraizadas no «ganhar». Quero lembrar aqui também o contributo de Teresa Santa Clara Gomes (com quem aprendi a «criar contextos» de animação sociocultural) quando reflecte sobre a relação entre democracia e cultura:

“ Só há desenvolvimento real quando referido a opções de índole cultural. Sempre que o desenvolvimento se alheia da matriz cultural, a democracia é atingida num dos seus alicerces mais profundos”.

(Gomes, 1982: 1).

Importa «aproveitar» a matriz da cultura milenária das mulheres para o bem de todas e todos que povoam o mundo. Mundo mudado e para mudar. Viagem nómada sem fim, nem destino fixo. Desafios para quem trabalha em Animação Sociocultural.

Sobre a razão de continuar a proporcionar contextos educativos especificamente para mulheres, encontramos ainda uma resposta nas *Palavras Dadas* de Maria de Lourdes Pintasilgo:

(...) podemos dizer que a mulher é em si “originalidade suficiente”, porque a mulher está ainda nas origens, na descoberta das condições da sua visibilidade, do interesse que lhe merecem as suas actividades e da satisfação que encontra na realização multiforme do que a define no seu devir como um ser distinto”.

(Pintasilgo, 2005: 263).

Por fim

Para quem quiser saber sobre a utilização do Caderno de Trabalho ou participar num *workshop*, pode contactar:

Maria Helena de Koning:

e-mail: literaciawmulhereslideranca@fcuidarofuturo.com

ou visitar os nossos *sites*

www.graal.org.pt

www.fcuidarofuturo.com

Bibliografia

- BRAIDOTTI, R. (2004). “Op Doorreis. Nomadisch Denken.” In *21^{ste} Eeuw*. Amsterdam: Boom.
- GOMES; T. S. C. (1982). “Cultura e Democracia.” In *Mudar a Vida 41*. Lisboa: Graal.
- KONING, M. (Coord.) (2005). *Rede de Mulheres 25 Anos Depois. Com Maria de Lourdes Pintasilgo*. Lisboa: Fundação Cuidar O Futuro/Graal.
- KONING, M. H./M. (no prelo). *Lugares Emergentes do Sujeito-Mulher. Viagem com Paulo Freire e Maria de Lourdes de Pintasilgo*. Porto: Edições Afrontamento.
- PINTASILGO, M. de L. (1986). *New energy needed: women's leadership*. Amsterdam: Bernadijn ten Zeldam stichting.
- PINTASILGO, M. de L. (1998). “Prefácio”. In *Paulo Freire: política e pedagogia*. Porto: Porto Editora.
- PINTASILGO, M. de L. (2005). *Palavras Dadas*. Lisboa: Livros Horizonte.

- SCHULTEN, E. (1997). "Politiek, ethiek en de concrete ander. Over Seyla Benhabib." In HERMSEN, J. J. (Red.) *Het denken van de ander. Proeve van een vrouwelijke ideeëngeschiedenis*. Kampen: Kok Agora.
- VIEGAS FERNANDES, João (1998). "Da alfabetização/educação de adultos à educação popular comunitária: relevância do contributo de Paulo Freire. In *Paulo Freire: política e pedagogia*. Porto: Porto Editora.